



Wladimir Kaminer

VIAGEM  
A TRALALÁ



Tradução de Helena Araújo

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXII



DG Educação e Cultura

## Programa «Cultura»

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia.

A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

© 2012, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Die Reise nach Trulala*  
© 2002, Manhattan Verlag  
Uma sucursal da Verlagsgruppe Random House GmbH,  
Munique, Alemanha  
www.randomhouse.de

Título: *Viagem a Tralalá*  
Autor: Wladimir Kaminer  
Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Tradução: Helena Araújo  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2012

ISBN 978-989-671-119-1  
Depósito Legal n.º 342696/12

## ÍNDICE

7	Prefácio
11	Desencontro de Paris
71	Desencanto da América
97	Desaparecido na Crimeia
115	Desviado na Dinamarca
141	Desencaminhado na Sibéria
157	Nota biográfica

PREFÁCIO  
*por Carlos Vaz Marques*

**A**S MELHORES VIAGENS, as mais memoráveis, começam todas do mesmo modo: no desejo de viajar. É assim, seja qual for o destino a que o viajante se proponha. Esse desejo será tanto mais intenso e acalentado com tanto mais entusiasmo quanto mais difícil e rara for a oportunidade de o concretizar.

O ponto de partida para esta *Viagem a Tralalá* reside num anseio tornado impossibilidade ao longo de gerações. É um livro que nasce atrás da Cortina de Ferro. A proibição de visitar Paris acabaria por mitificar Paris. E sabemos como a realidade, em geral, é implacável em relação aos mitos. Poucos lhe sobrevivem. Talvez por isso mesmo, Kaminer não chega a levar-nos à cidade-luz (a não ser por interposta pessoa): «Em vez de ir a Paris, fomos ao cinema.»

É deste choque entre o mito (alimentado pela impossibilidade) e a realidade (tornada possível pela queda do Muro de Berlim) que nasce o efeito cómico mais poderoso de *Viagem a Tralalá*.

Onde raio é Tralalá?, há-de perguntar-se o leitor incauto ao passar os olhos pelo título deste livro. A resposta acabará por chegar a páginas tantas, embora não haja mapa (pelo menos de entre aqueles que consultei) que a confirme. Diz-nos Wladimir Kaminer que Tralalá é uma pequena aldeia na região balnear da Crimeia, o Algarve dos russos. Di-lo no entanto, também aqui, por interposta pessoa. Aquilo que nos conta, como em tantos outros casos, não é um relato em primeira mão, mas a narrativa de uma viagem feita por um amigo e por este contada a Kaminer. Ainda para mais uma história que nasce na busca de vestígios do artista plástico Joseph Beuys, um dos grandes nomes da arte do século xx, ele próprio figura envolta em episódios onde realidade e mitificação se cruzam de um modo flagrante.

Wladimir Kaminer nasceu cidadão russo em Moscovo e fez-se escritor alemão em Berlim. À semelhança de Joseph Conrad, descobriu na língua adoptiva a capacidade de se exprimir sem entraves. À medida que avançamos na leitura, é inevitável perguntarmo-nos quanto haverá de ficção neste relato. Há nestas páginas autênticos delírios, como o da viagem do tio Boris, o aviador, a «Paris» (lendo o livro perceber-se-ão as aspas) ou o do percurso de um deputado alemão desde Berlim até à Sibéria, de bicicleta.

Em todas estas histórias o que sobressai é invariavelmente o tom burlesco e uma linguagem coloquial sempre atenta ao efeito cómico de situações improváveis. Como se diz por outras palavras num filme clássico de John Ford:

seria criminoso deixar que o cinzentismo dos factos retirasse brilho a uma boa história. O autor de *Viagem a Tralalá* nunca cai nessa armadilha. É esse o talento de Wladimir Kaminer.

## DESENCONTRO DE PARIS

O NOSSO PRIMEIRO documento alemão, que recebemos em 1990 na esquadra de Alexanderplatz, era uma autorização de residência na Alemanha Oriental. O nosso antigo sonho, o de termos o direito a circular livremente, nem por isso se tornou mais próximo. Logo na primeira página do documento lia-se: «Ao sair da República Democrática Alemã, deve esta autorização de residência ser entregue na respectiva delegação da polícia popular ou no órgão de controlo de fronteiras. Válida até 30/08/2000.»

Não começámos a planear de imediato uma grande viagem, já estávamos muito felizes por termos conseguido enfim um documento. Em todo o caso, podíamos ficar discretamente sentados na nossa residência para estrangeiros em Marzahn, a travar conhecimento com as diferentes cervejas alemãs. Não se pode ter tudo de uma vez. Para mim, o simples facto de já não estar na União Soviética, mas em outro lugar bem longe, era por si só motivo de enorme alegria. Tinha tentado anteriormente, usando um ou outro subterfúgio, sair da União Soviética, ou seja: fazer-me ao

largo. Contudo, todos os meus projectos falharam. Em 1986, por exemplo, recebi um convite para ir à RDA, por parte da melhor amiga da minha mãe, que casara com um alemão e morava em Berlim.

A princípio, tudo correu às mil maravilhas: entreguei as amostras de sangue e urina, e a análise médica provou que, do ponto de vista da saúde, eu estava em condições de aguentar uma viagem ao estrangeiro. Só tinha mais um obstáculo pela frente: o CAI — Comité para a Amizade Internacional. Sem a sua autorização, não me dariam um passaporte. Os funcionários do CAI reuniam apenas uma vez por mês. Sendo responsáveis pela face ideológica da juventude soviética no estrangeiro, procuravam, como é evidente, autorizar a saída do menor número possível de jovens. Embora eu quisesse ir apenas à RDA, país que não apresentava qualquer diferença ideológica em relação a nós, era mesmo assim obrigado a apresentar-me ao CAI. E não o fazia sozinho, mas acompanhado pelo presidente do Komsomol da escola de teatro onde eu era aluno. Ele tinha de me caracterizar por escrito, quase como que para me recomendar para essa viagem. Por sorte, o Oleg, nosso organizador do Komsomol, era um tipo às direitas. Comprei duas garrafas de vodka e fiz-lhe uma visita. A princípio ele não tinha vontade nenhuma de entrar na história: a reunião do CAI decorreria nos confins de Moscovo, na Calçada de Leninegrado. Mas depois de alguns copos ficou mais simpático:

— Imaginando que eu te escrevia um parecer favorável, o que me trazias da RDA em troca?

— O que queres que traga? — retorqui. Na altura ainda não fazia a menor ideia de tudo o que havia na RDA.

— Dois pacotes de cigarros da marca Kent e uma garrafa de licor de ovo — elucidou-me o Oleg, que pelos vistos percebia muito mais daquilo que eu. Eu deveria preparar-me bem para a audiência do CAI, e estar ao corrente da situação política da Alemanha, opinava ele. O que não foi especialmente complicado. Os nossos manuais escolares não se alargavam muito sobre a Alemanha e a História europeia do pós-guerra. As informações limitavam-se ao essencial, e não chegavam a ocupar duas páginas. Em 1944-45 o exército soviético não tinha conseguido libertar toda a Europa porque uma parte dela já tinha sido libertada pelos americanos. Por esse motivo, a Europa foi dividida em dois campos, e os povos libertados por nós escolheram espontaneamente o socialismo. Os outros foram obrigados a seguir uma via capitalista porque estavam a ser pressionados pelos americanos.

O caso da Alemanha foi um pouco mais complicado. O país foi dividido por motivos ideológicos. Todos os ex-nazis encontraram abrigo na Alemanha Ocidental, e os antifascistas criaram a RDA socialista. O muro sobreveio mais tarde como símbolo da Alemanha dividida, e porque os habitantes de Berlim Ocidental tinham criado o estranho hábito de vir gastar os seus ocidentais salários capitalistas nas lojas baratas do Leste, esvaziando-as permanentemente. No fundo, queriam montar dois cavalos ao mesmo tempo — ganhar no capitalismo e gastar no socialismo.

A princípio, os trabalhadores da Alemanha Oriental encararam este estado de coisas com uma certa indulgência, mas a determinado momento perderam a paciência, e o seu secretário-geral, Walter Ulbricht, viu-se obrigado a agir. Para garantir a justiça social, mandou emparedar os habitantes de Berlim Ocidental. Durante a noite, brigadas de trabalhadores armados cercaram a parte ocidental da cidade com um muro inicialmente provisório. No dia seguinte, os habitantes de Berlim Ocidental devem ter feito umas belas caras de parvos quando se preparavam para ir outra vez fazer compras à RDA.

Seguindo a recomendação do Oleg, reli o capítulo inteiro no livro de História. Dois dias mais tarde encontrávamo-nos os dois a suar em pé sobre o tapete frente à comissão CAI, composta por quatro mulheres velhas e um inválido profundo que me olhava com desconfiança. O objectivo da conversa consistia em descobrir os verdadeiros motivos do meu interesse na viagem à RDA, e se já tinha a maturidade suficiente para tal viagem. Mentimo-nos mutuamente. As senhoras do CAI fizeram de conta que realmente não sabiam porque é que eu queria ir à RDA. E eu, pela minha parte, fiz de conta que não dava por nada.

— Quero conhecer o quotidiano socialista dos nossos irmãos na RDA, ver os monumentos berlinenses e, além disso, trocar experiências — murmurei eu. Na realidade, tencionava comprar em Berlim Leste o maior número possível de discos dos AC/DC e dos Nazareth, e vendê-los depois em Moscovo pelo quádruplo do preço. Naquela época

a indústria discográfica da Alemanha Oriental era em muitos aspectos superior à nossa. Mas o velhote coca-bichinhos do comité queria saber tudo com exactidão: que monumentos tencionava admirar e qual era o apelido dos irmãos socialistas cujo quotidiano eu queria conhecer. Uma das mulheres leu em voz alta a carta de recomendação que o Oleg tinha escrito, com os meus traços de carácter: «No grupo, Wladimir Kaminer tem-se revelado um membro disciplinado e amável para com todos. No entanto, falta frequentemente às sessões de educação cívica e só participa de forma limitada no trabalho social.»

— Que é que escreveste, grande idiota? — sibilei furioso na direcção do Oleg.

— Não te enerves — respondeu ele, muito calmo, — eu sei o que estou a fazer. Tudo está a correr como previsto.

— Ainda bem que é honesto connosco, e não esconde os seus problemas aos camaradas — disse-me uma das mulheres, e sorriu com doçura. — Mas porque é que não vai à educação cívica, e só participa de forma limitada no trabalho social, Wladimir? Conte-nos o que se passa.

Eu sentia que estavam a troçar de mim. Nem sequer sabia que uma disciplina como educação cívica era obrigatória na escola de teatro.

— Que posso dizer sobre isso? — respondi. — Talvez eu não leve a escola de teatro muito a sério. De facto, eu queria ser piloto, como o meu tio, mas não passei na inspecção médica.

— A vossa sinceridade é maravilhosa — rejubilaram as velhotas. — Podem sair.



Na rua, insultei o Oleg.

— Tu não percebes — explicou-me. — Os activistas tornaram-se muito desconfiados. Quer dizer: segundo a nova linha, temos de assumir os nossos erros. Temos de aprender com os nossos erros, e para isso precisamos de arranjar alguns. A autocritica é o que está a dar. Ou seja, se queres que te recebam bem, tens de contar merdas sobre ti e os outros. O mais importante é ser sincero. Vais ver, vão autorizar.

Acalmou-me. No entanto, duas semanas mais tarde recebi uma resposta negativa. O motivo para a recusa, contudo, nada tinha que ver com o Comité para a Amizade Internacional. Justamente nesse Verão, um aluno da nossa escola de teatro, para mais filho de um actor famoso que interpretava Lenine frequentemente e com gosto, tinha tentado saltar a sebe do consulado sueco para pedir asilo político. Foi devolvido ao seu pai. E os alunos de todas as escolas de teatro do país foram atingidos por uma proibição geral de saída para o estrangeiro. Pelo que lá fiquei eu em Moscovo, em águas de bacalhau, com as minhas maravilhosas amostras de urina, o convite para ir à RDA deitado no lixo. Só cinco anos mais tarde conseguiria dar o salto.

Após a nossa chegada à Alemanha, só precisámos de esperar alguns meses para que uma RDA já desmoronada nos concedesse auxílio humanitário, atribuindo-nos o estatuto de refugiados provenientes de um país em vias de desmoronamento, a União Soviética. Em vez dos documentos da Alemanha Oriental, deram-nos papéis ocidentais, passa-

portes azuis muito bonitos com duas barras pretas na capa, que nada diziam sobre a nossa nacionalidade mas nos garantiam absoluta liberdade de circulação: «*For all countries*», estava escrito na página sete. O que era, naturalmente, uma mera questão teórica. Na prática, significava apenas que, se um país nos quisesse dar um visto de entrada, podia pôr sem qualquer problema um carimbo no passaporte azul. Não obstante, a partir desse momento saboreámos a ilimitada liberdade de circulação. O meu amigo Andrej e eu planeámos logo a nossa primeira excursão. Claro que tinha de ser a Paris, a cidade que corresponde desde sempre a um lugar especial na cabeça dos russos: o quase inatingível paraíso.

Preparámo-nos minuciosamente para a viagem, e comprámos uma máquina fotográfica, bem como dois bilhetes de autocarro com data em aberto: «Experimente Paris — por noventa e nove marcos, ida e volta.» Na posse deles, podíamos a qualquer momento pôr-nos a caminho de Paris. O que nos parecia demasiado rápido. Para saborear mais longamente a sensação de absoluta liberdade de circulação, começámos por permanecer na nossa residência em Marzahn. Dia após dia, sentávamo-nos na cozinha a beber cerveja e a contar um ao outro histórias sobre essa cidade. O Andrej contou que a sua prima, que ele nunca vira, morava há anos num palácio perto de Paris. Ainda nos tempos sombrios da Cortina de Ferro tinha conseguido engatar um aristocrata francês em Moscovo, casar rapidamente com ele e abandonar a pátria. Desde então, a família dava-a por desaparecida. «Quase não posso esperar pelo momento de

finalmente a conhecer!», alegrava-se o Andrej. Da minha família, apenas o tio Boris, o aviador, tinha estado em Paris: como turista. Embora jamais atravessasse, até à sua morte em 1981, as fronteiras da União Soviética.

Em criança, nunca consegui contar todos os meus parentes. Os meus avós tinham tantos irmãos, e estes trouxeram tantos filhos ao mundo, os quais por sua vez casaram tantas vezes, que uma pessoa facilmente perdia a noção do conjunto. Era uma multidão, que se espalhou por todo o planeta e mal se podia entender como família. A maior parte deles vivia na Ucrânia, os meus pais e eu em Moscovo.

Havia na família personagens lendárias, cujas histórias os meus pais gostavam de contar, como por exemplo o tio Simeon de Leninegrado, que era um jogador de cartas inveterado, tinha imensas dívidas e se quisera suicidar. Saltou da varanda do seu apartamento no nono andar, só partiu uma perna, e interpretou a sua milagrosa salvação como um sinal divino. Depois de sair do hospital continuou a jogar cartas, desta feita com sucesso, pagou todas as dívidas e emigrou em 1977 como judeu para a Austrália. Nesse país ganhou o primeiro prémio de um torneio de póquer nacional, e tornou-se milionário. O meu pai tinha uma fotografia onde se via o tio Simeon, de fato branco e bengala, a sorrir em frente ao jardim da sua casa australiana. Como é que esta fotografia chegou ao arquivo familiar é um mistério: os meus pais nunca receberam cartas da Austrália nem enviaram correspondência para esse país.

Outra lenda do círculo familiar era o tio Boris, que passou quase toda a sua vida no Cazaquistão. Visitou-nos uma

vez em Moscovo, pouco antes dos jogos olímpicos de 1980, andava eu no oitavo ano. Era o irmão do meu falecido avô, e encarnava no seio da família a história da União Soviética. Tinha tomado parte em todas as aventuras oferecidas pelo socialismo primitivo, e depois também pelo mais elaborado. Veio a Moscovo buscar uns documentos quaisquer que lhe permitiriam melhorar a reforma, e ficou instalado durante um mês no meu quarto.

O nosso apartamento moscovita não era muito grande: duas assoalhadas, vinte e sete metros quadrados no total. Naquela época eu não me dava conta da sua pequenez porque todos os vizinhos e amigos dos meus pais dispunham da mesma área para viver. Só anos mais tarde, quando fui para a tropa e me deram um quarto maior, percebi que durante todo aquele tempo tínhamos vivido numa gaiola de papagaio. Vinte e sete metros quadrados. No nosso quartel, só a casa de banho tinha cem metros quadrados.

O tio Boris dormia, pois, no meu quarto, e contava-me todos os dias histórias da sua vida aventureira. Estava a frequentar uma escola de aviação quando a guerra começou. Queria ser piloto. Em 1944, quando o exército soviético já tinha libertado metade da Europa, Estaline decidiu que chegara a hora de ajustar contas também com os japoneses. Os alunos de pilotagem foram enviados para o Extremo-Oriente, independentemente de terem ou não concluído o curso. O tio Boris foi nomeado oficial, e passou um ano inteiro a caçar aviões japoneses por entre as montanhas da Manchúria. O seu aparelho foi abatido duas vezes, uma na

mulheres em casaco de peles, em São Petersburgo, no meio de um rio Neva completamente gelado.

— Não levaram o meu dinheiro — contava ele cheio de orgulho, — mas em compensação levaram o meu livro e os óculos.

Além disso, as mulheres arrancaram-lhe um botão do casaco à dentada, como recordação do admirável encontro com um poeta alemão.

Mas as mulheres alemãs também não são ignoradas pelos russos: uma funcionária do Goethe Institut contou-me que em toda a sua vida nunca recebera tantas propostas de casamento como nos dois anos em que trabalhou em São Petersburgo. Embora não tenha aceitado nenhuma delas, também esta mulher tinha um ar muito feliz. Talvez seja mesmo verdade que a neve dá mais felicidade às pessoas? Após o nosso regresso a Berlim, tentei telefonar ao Martin para lhe contar as minhas experiências, mas ele já estava de novo na estrada, aparentemente a caminho do Tajiquistão, e mais uma vez de bicicleta.

— De certeza que ele chega lá em menos de três semanas — disse a Olga, e desta vez eu dei-lhe logo razão.

## NOTA BIOGRÁFICA

WLADIMIR KAMINER nasceu em Moscovo, antiga União Soviética, em 1967.

Formou-se em engenharia de som para teatro e rádio, e estudou dramaturgia no Instituto de Teatro de Moscovo.

Em 1990 mudou-se para Berlim, recebendo asilo humanitário da RDA. Tornou-se pouco tempo depois cidadão da Alemanha, adoptando a língua alemã desde então.

Tem mais de uma dezena de livros publicados, foi autor de um dos programas de rádio mais populares da Alemanha (*Wladimirs Welt* – O Mundo de Wladimir) e escreve em diversos jornais e revistas. É DJ, famoso sobretudo pela sua «Russendisko», uma festa de música e dança que anima regularmente a cidade de Berlim e onde se mistura música *pop* russa e música *underground*.

*Russendisko*, o seu primeiro romance (2000), obteve enorme sucesso junto do público e da crítica. Em 2012, estreou no Festival de Berlim a adaptação deste livro ao cinema (real. Oliver Ziegenbalg).

Em Portugal, encontram-se publicados *Militärmusik* e *Russendisko: Discoteca Russa* (Cavalo de Ferro, 2003 e 2005, trad. Nuno Batalha).

Kaminer vive com a mulher e os dois filhos no bairro berlinense de Prenzlauer Berg.



## NESTA COLECÇÃO

*Morte na Pérsia*

Annemarie Schwarzenbach  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Uma Ideia da Índia*

Alberto Moravia  
(trad. Margarida Periquito)

*Paris*

Julien Green  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Japão é Um Lugar Estranho*

Peter Carey  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*Veneza*

Jan Morris  
(trad. Raquel Mouta)

*Caderno Afegão*

Alexandra Lucas Coelho

*Disse-me Um Adivinho*

Tiziano Terzani  
(trad. Margarida Periquito)

*Nova Iorque*

Brendan Behan  
(trad. Rita Graña)

*Histórias Etíopes*

Manuel João Ramos

*Na Síria*

Agatha Christie  
(trad. Margarida Periquito)

*A Viagem dos Inocentes*

Mark Twain  
(trad. Margarida Vale de Gato)

*Víva México*

Alexandra Lucas Coelho

*Jerusalém — Ida e Volta*

Saul Bellow  
(trad. Raquel Mouta)

*Caminhar no Gelo*

Werner Herzog  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Cartas do Meu Magrebe*

Ernesto de Sousa

*Viagem de Autocarro*

Josep Pla  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*O Colosso de Maroussi*

Henry Miller  
(trad. Raquel Mouta)

*O Murmúrio do Mundo*

Almeida Faria